

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA**

KALLYNE CÂNDIDO FELIPE

**RECORTES DE UMA DIDÁTICA: A PRÁTICA DO ENSINO
DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR
EMILIANO DE CRISTO, GUARABIRA-PB**

**GUARABIRA – PB
2016**

KALLYNE CÂNDIDO FELIPE

**RECORTES DE UMA DIDÁTICA: A PRÁTICA DO ENSINO
DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR
EMILIANO DE CRISTO, GUARABIRA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação da Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

**Guarabira – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F345r Felipe, Kallyne Cândido
Recortes de uma didática: [manuscrito] : a prática do ensino de história na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo / Kallyne Cândido Felipe. - 2016.
23 p. - il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, Departamento de Pedagogia"

1. Prática Docente. 2. Sociedade. 3. Ensino de História. I.
Título.

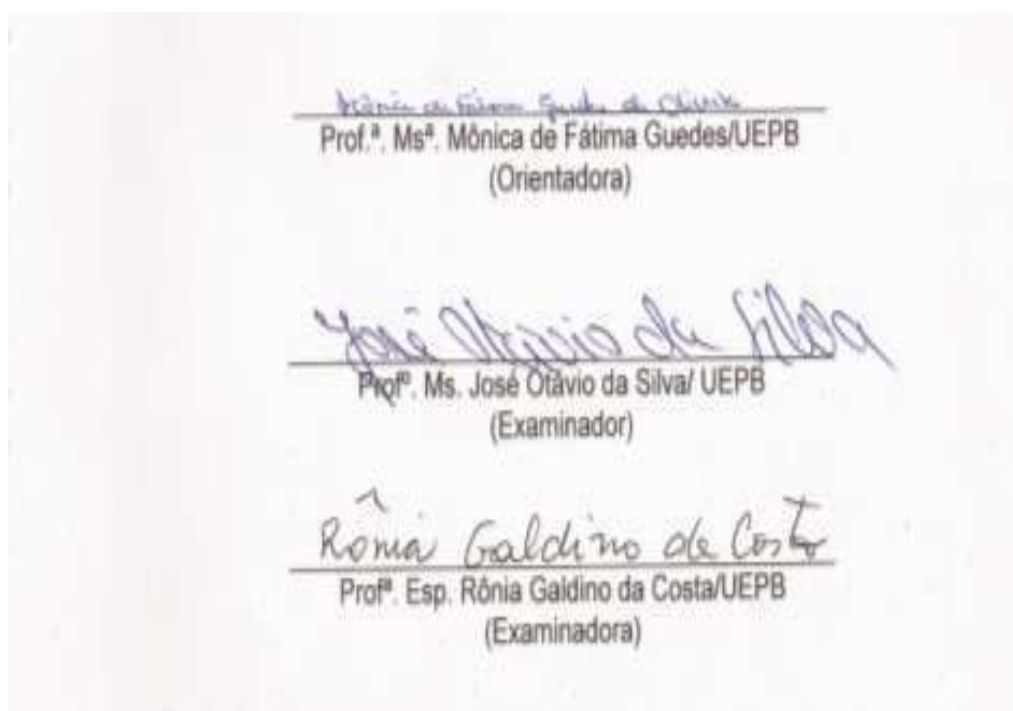
21. ed. CDD 371.12

KALLYNE CÂNDIDO FELIPE

**RECORTES DE UMA DIDÁTICA: A PRÁTICA DO ENSINO
DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL MONSENHOR
EMILIANO DE CRISTO, GUARABIRA-PB**

Comissão Examinadora

Aprovada em 20 de outubro de 2016.



Guarabira

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, que muito me apoiou e ajudou na realização da minha carreira acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus pelo dom da vida.

A minha família por ser à base de tudo em minha vida.

Gostaria de agradecer também a professora Monica de Fátima Guedes de Oliveira, pela sabedoria e determinação com que me orientou durante a realização deste trabalho.

E a todos os professores/mestres que com muito trabalho, conseguiram transmitir seus conhecimentos e contribuíram de forma significativa para com a minha formação acadêmica.

RESUMO

Entender que a escola ocupa um papel fundamental na formação dos alunos é o início de uma construção social pautada na educação, a qual visa o desenvolvimento pleno desses sujeitos para sua relação direta com os problemas historicamente sociais. Por isso, a prática pedagógica é tema de constantes debates e reflexões no espaço escolar, uma vez que, entende-se que a mesma quando apropriada facilita o processo de ensino e aprendizagem. Assim, com perspectivas diferenciadas, novas tendências são criadas, proporcionando a evolução da escola com o passar do tempo, na tentativa de harmonizar os objetivos do ensino e a realidade dos educandos. Dentro do campo do ensino da disciplina escolar intitulada História os debates sobre a didática em sala de aula e os conteúdos desta disciplina, vem nos últimos tempos ganhando grande relevância, em especial devido à tomada de consciência e valorização que a disciplina tem tido. É nessa perspectiva que o presente texto busca, a partir de leituras, observações e principalmente da vivência nas Observações e Estágios realizados na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo, na cidade de Guarabira/PB, para refletir sobre a prática docente do Ensino de História. Como suporte teórico usamos materiais teóricos que discutem o tema, como CAIMI (2006), ANDRADE (2005), LAVILLE (2002), entre outros, bem como as entrevistas com os docentes da disciplina de História.

Palavras-chave: Escola. Sociedade. Prática Docente. Ensino de História

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
2 A PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA: RECORTES:	09
2.1 Pressupostos teóricos	09
2.2 O Ensino de história.....	15
3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E COMUNIDADE	18
3.1 Descrição da Escola	
3.2 Descrição das Aulas	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERENCIAS	26
ANEXOS	00

INTRODUÇÃO

Os diversos temas e conteúdos tratados dentro do componente curricular – História - do ensino básico, por muito tempo foi considerado uma das cadeiras coadjuvantes da educação básica. Sendo vista como mero conteúdo de leituras e fatos longínquos da realidade dos alunos bem como dos professores, o ensino de história era relegado o papel de complementar a formação da grade curricular, uma vez que os alunos não fazem relação dos acontecimentos do passado com o presente, bem como não enxergam as influências dos mesmos para o futuro.

Com o passar do tempo, as mudanças históricas e a velocidade dessas mudanças, em uma sociedade altamente volátil como está à sociedade contemporânea, chamou a atenção de estudiosos para a importância da história na formação dos indivíduos. História é identidade de um povo, é o que faz os indivíduos serem quem são, explicando suas sociedades, sua cultura, sua forma de ver o mundo, assim, é de suma relevância que esses conhecimentos sejam construídos em sala de aula.

Foi pensando assim que novos paradigmas foram traçados para o ensino de História na educação básica. O presente texto aborda este tema, a partir de experiências *in locu*, trazendo o resultado das observações e reflexões sobre o ensino de história na Educação básica, segunda fase, analisando a didática do ensino da mesma. Tendo como objetivos para a elaboração do mesmo, os seguintes:

Objetivo Geral

- * Trabalhar a relação didática – história em sala de aula

Objetivos Específicos

- * Pesquisar sobre as funções do ensino de história;
- * Observar como se dá a relação aluno e professor de história;
- * Fomentar a discussão sobre a necessidade de um ensino de história mais engajado com a realidade.

2. A PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA: RECORTES

2.1 Pressupostos Teóricos: Escola, Sociedade e História

A escola como hoje conhecemos, fruto de um longo e lento processo de adequação das realidades sociais que foram evoluindo, construindo e se reconstruindo ao longo do tempo, tem seus aspectos filosóficos, políticos, pedagógicos embora largamente debatidos dentro do contexto escolar, em especial na base da estruturação das escolas, contam ainda com suas ideologias implícitas, ou seja, as tendências e filosofias que dão base a esta ou aquela corrente pedagógica que determinada escola segue deveriam está claramente expressas no trabalho do profissional de educação.

Nas palavras de Santos e Nunes:

A escola é uma instituição extremamente complexa. Sua função tradicional é a de facilitar a inserção do indivíduo no mundo social. O indivíduo deve aprender as formas de conduta social, os rituais e as técnicas para sobreviver. Ao longo do tempo as funções da escola foram sendo ampliadas, passando a abranger outras, tais como: cuidar das crianças enquanto os pais trabalham; socialização, colocando as crianças em contato com outras e ensinando normas básicas de conduta; aquisição de habilidades básicas como ler, escrever, expressar-se, lidar com a aritmética, os conhecimentos científicos; orientação às crianças nos ritos de passagem para a adolescência, [...]. (2006, P.15)

Como os autores explicitaram, as funções da escola são extremamente complexas e ao mesmo tempo é atribuído a esta responsabilidades e funções que vão além de seu papel tradicional: “facilitar a inserção do indivíduo no mundo social”; desta maneira não é estranho que na atualidade, ela assuma, ou melhor, seja jogado para ela serviços e papel bem diversificado do que tinha em outrora, tradicionalmente.

Hoje, embora haja uma grande demanda de funções que a escola deva assumir, é possível se ter uma consciência mais clara e objetiva da função da escola, de que este é um lugar onde se gera e adquiriu-se conhecimentos, tendo a educação uma disciplina e currículo a serem seguidos, e também esta como instituição social, é uma representação em miniatura das ideologias da sociedade em que está inserida. Segundo Penin e Vieira:

De uma instituição que se mantinha em relativo isolamento face às influências de seu entorno, hoje, a escola abre-se a influências diversas, incorporando a ideia de que a educação é um empreendimento social coletivo. Isto quer dizer que embora possua um coletivo próprio, constituído pelas pessoas que exercem papéis específicos no ambiente escolar, a escola não pode se manter à margem do contexto no qual se insere. (2002, pg. 34)

A escola é assim a representação da sociedade na qual está inserida, comungando com diferentes ideologias e também classes sociais, por isso faz-se necessário analisar essas influências e dialogar no cotidiano dos alunos, para que a escola não se torne um instrumento isolado da sociedade, perdendo sua essência que é preparar o indivíduo para um convívio social, ativo e participativo dentro da sociedade.

Os alunos ao entrarem no universo da educação escolar, padronizada e normatizada, vão se deparar com as primeiras relações de convivência social fora do ambiente familiar e que representa toda uma gama de conhecimentos e conceitos de vida em sociedade, e não se pode deixar de fora o entendimento que, dependendo da diretriz educacional ou filosofia adotada na instituição de ensino, a escola representa esta ou aquela ideologia do social, com formas de agir e pensar que embasam as relações de convivência com o outro.

Contudo, uma coisa é indiscutível, a obrigação que a escola e professores tem de serem construtores e transmissores de ações educativas, com valores éticos, morais, ideológicos, sem permitir que as suas ideologias sirvam de modelo e referência para os demais, uma vez que a construção e o entendimento social deve ser fruto da vivência de cada um.

Quando se pensa nessa estrutura e responsabilidade atribuídos a escola, passa-se também a pensar no papel do educador em todo esse processo. Em nosso caso específico pensaremos no papel do professor de História, dentro dessa complexa estrutura, enxergando esse profissional, como um instrumento de diálogo entre o passado, o presente e o futuro.

Na organização da escola, coordenadores e professores devem ter explicitamente claro em suas práticas o porquê de agir assim. Mas, quando observamos mais de perto os contextos escolares a situação que se delineia é outra,

em especial quando observamos os procedimentos pedagógicos e os professores, que na maioria das vezes não têm clareza em relação a que filosofia ou base pedagógica seguem, afetando sua conduta com os alunos.

Por estar à filosofia da escola direcionada para a formação do homem crítico criador e atuante na sociedade em que vive, faz-se necessário preparar o indivíduo, para que de posse do conhecimento sobre as condições sociais de suas próprias funções, distinga o que os outros estão fazendo e o que ele deve fazer. Isso só acontecerá sobre essas atividades e sobre a realidade da qual vai fazer crítica.

Tendo como base um ideal pedagógico que deve ser objetivo, claramente buscado, construído e evidenciado na realidade da prática educativa, com o intuito de ajudar o aluno a perceber a si e ao mundo constantemente em transformação, os professores no ensino de história devem procurar desenvolver um trabalho que auxilie o educando em seu próprio desenvolvimento, com a liberdade de expressão, evidenciando a história como um processo permanente de evolução da sociedade.

Nas escolas o ensino da história ainda é distorcido, quando comparamos a realidade dos alunos que compõe o espaço escolar, uma vez que a prática didática, algumas vezes limita a aula apenas aos conteúdos trazidos no livro didático, sem preocupar-se em relacionar esses acontecimentos presentes, por isso é preciso entender que a história deve estar relacionada a construção de uma mudança de postura dos jovens diante dos desafios sociais.

2.1.1 O Ensino de História

Embora reconhecida a importância do ensino de História, tanto é que esta é disciplina obrigatória no currículo escolar, o ensino de História tornou-se, ao longo do tempo algo engessado, mesmo que não completamente estático, mas sem grandes mudanças, principalmente devido as metodologias utilizadas pelos professores para a transmissão do conhecimento histórico, o que relegou a esta dentro do currículo escolar e mesmo para os próprios alunos como sendo uma disciplina chata, de “decoreba” de datas e fatos longe de suas realidades.

Outro fator também que causa entrave ao bom ensino desta disciplina é a relação entre professor e aluno, sendo estes muitas vezes distantes ou

simplesmente obrigacionais, sem atribuir nenhum laço afetivo ou de responsabilidade pelo o que está se desenvolvendo ali, sendo esse um processo constante de aprendizagem e desenvolvimento de seres humanos, indivíduos sociais e portanto, donos da história e do mundo.

É inegável a necessidade de integrar diferentes linguagens nas aulas em todos os níveis de ensino. A utilização das diferentes linguagens para o ensino de História, vem contribuindo para a dinamização do cotidiano da sala de aula diversificando a prática do ensino da disciplina, permitindo melhor compreensão por parte dos alunos da mensagem que o professor deseja que ele receba. O profissional da educação vive em constante desafio de desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes mantendo-se assim sempre atualizados sobre novas metodologias. (AFONSO E ANDRADE, texto online)

Os professores de um lado reclamam que a grande maioria de seus alunos são passivos para o conhecimento, sem curiosidade que desafiam sua autoridade dentro da sala de aula, sendo bagunceiros e irreverentes. Denunciam também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de história, os quais muitas das vezes são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes.

Por outro lado, temos os alunos que reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal” e menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização do conteúdo, os quais serão utilizados apenas para uma avaliação somativa ao fim de cada período e, que faça da aula um momento agradável.

Nessa perspectiva CAIMI (2006) afirma:

Diante da imensidão de conteúdos a ensinar, querendo abarcar “toda a história”, é comum que nós, professores de História, abdicamos de metodologias participativas, dialogadas, de trabalho em grupo, em favor de um melhor aproveitamento do tempo escolar. Entendemos, equivocadamente, que otimizar o tempo significa priorizar a leitura e a explicação do professor sobre o capítulo do livro didático, seguindo-se a realização de exercícios pelos alunos, individualmente, para que a classe se mantenha mais silenciosa e, assim, mais produtiva.”(pg. 25)

O estudo sobre o ensino tradicional de história mostra que esse se tornou uma ordenação mecânica de fatos em causa e consequências, cronologia linear, e destaque para os grandes feitos de governantes e homens numa visão heroicizada e idealizada da História, apresentando para os alunos os conteúdos como sendo pacotes verdades, desconsiderando suas experiências cotidianas e suas práticas sociais.

LAVILLE (1999: p.137) propõe:

Que não se perca a vista a função social da História que é de formar indivíduos autônomos e críticos e levá-los a desenvolver as capacidades intelectuais e afetivas adequadas fazendo com que trabalhem com conteúdos históricos abertos e variados.

Dessa forma, percebemos que a proposta de novas metodologias visa buscar as diversidades para melhor conhecê-las, ao que se refere às práticas pedagógicas, para que se encontre alternativas de melhor trabalhá-las, fazendo com que os alunos percebam a importância do ensino de História para o seu cotidiano.

Feitas essas considerações acerca do ensino de história e da importância da escola e da prática docente para a formação dos sujeitos sociais e sua própria sociedade, a partir do próximo capítulo traremos as observações e reflexões feitas sobre as práticas de regência e estágio realizadas em uma escola pública do município de Guarabira, sobre a prática do ensino de história.

3. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E COMUNIDADE

3.1 Contextualização

Como uma exigência da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9394/96), a prática do estágio entre os alunos do último ano do curso de graduação em faculdades que licenciem seus alunos a prática da atividade pedagógica, o estágio em História é necessário a formação do profissional, servindo ao mesmo tempo como uma vivência e relato de experiência da prática e das teorias apreendidas em sala. Este é também um mecanismo para se refletir sobre as práticas em sala de aula, a fim de adequar ou mesmo avaliar as diferenças retratadas entre a teoria e a prática pedagógica.

Embasados nessas perspectivas durante o período de 12 de março a 24 de maio 2012, foram praticadas regências de ensino em salas de aula do ensino médio, no estabelecimento de ensino Escola Estadual de Ensino Fundamental Médio Monsenhor Emiliano de Cristo. Localizada em uma área central de classe média baixa, na Rua João Lordão no número 125 Bairro: Nordeste II, Tel.: 3271 3680 Guarabira-PB.

No primeiro momento, foi realizado debates, apresentações e ministrado aula de história, tendo com objetivo influenciar de maneira positiva o cotidiano dos alunos, para se reconhecerem como participantes desse processo histórico enquanto cidadãos ativos desse tempo, os quais todos os dias constroem sua própria história, a qual também deve ser evidenciada.

O segundo período de observação na escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo, se deu do dia 26 de setembro ao dia 07 de outubro de 2016, para atualização das informações obtidas a 4 anos atrás, com aplicação de questionário aos professores de história com o intuito de fazer um recorte temporal, para ampliar nosso campo de observação sobre a prática do ensino de história.

3.1.1 Escola e Comunidade: Descrição

A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo, passou por alguns mudanças curriculares entre 2012 e 2016, a qual possuía o ensino Fundamental I (que abrange as séries escolares do 1º ao 5º ano) e Fundamental II (contempla alunos do 6º ao 9º ano); atendendo alunos portadores de deficiência, vindos de todas as partes do município, por ser uma das escolas do município que tem uma política voltada para essa demanda de alunos, além do seu fácil acesso para as pessoas com deficiência.

Em 2012 a escola implantou duas salas de recurso, que atende alunos que necessitam de um suporte pedagógico para concretização do seu processo de aprendizagem, com professores especializados, trabalhando também com a EJA, para inclusão dos alunos que por diversos motivos não conseguiram dar continuidade ao seu processo escolar e PROJOVEM urbano, o qual oferece além

das aulas disciplinares, uma formação técnica para que os alunos concluam o ensino fundamental II e já tenham noção de alguma profissão.

No mesmo ano, sendo esse a referência do primeiro momento de pesquisa campo a escola tinha 670 alunos matriculados funcionando nos três turnos. Sendo a instituição composta em sua instalação de: cantinas, 36 banheiros, mini auditório, auditório, mini teatro, ginásio, biblioteca. Eram 35 professores efetivos e 6 prestadores de serviços; na limpeza do ambiente existia 35 prestadores de serviços e 2 efetivos entre auxiliares de limpezas, merendeiras e vigias.

Sendo assim, a escola possuía diferentes modalidades de ensino. Localizada em uma área central de classe média baixa, atende a uma clientela de alunos, em sua grande maioria com um nível socioeconômico mediano, filhos de vendedores ambulantes, funcionários do lar e profissionais liberais, os quais participam e acompanham a vida escolar de seus filhos de modo regular, mas sempre atentos ao desenrolar de currículo.

Considerando a pesquisa feita junto à comunidade no período supra citado, a escola sente que existe uma boa aceitação por parte de todos, na linha de trabalho existente, mas entendem que a sociedade está evoluindo muito rapidamente e que a escola deve trabalhar com um processo de adaptação sócio-cultural mais abrangente e dinâmico para responder a rapidez das mudanças. Para isso a escola necessita de um bom quadro de professores e especialistas engajados no Ensinar.

Em 2016 o segundo momento de pesquisa campo, para coleta de dados percebe-se que a escola passou por algumas transformações, tanto física quanto curricular. A mesma trabalha com o ensino fundamental II (1 turma), ensino médio e ensino técnico em vestuário e administração (10 turmas), ambos integrados ao ensino médio e EJA (5 turmas do ensino médio e 1 do ensino fundamental) . Sendo distribuídos no turno da manhã o ensino fundamental II e os cursos técnicos, a tarde apenas os cursos técnicos e a noite a EJA para o ensino fundamental II e médio.

A escola atende 445 alunos matriculados, 24 professores efetivos e 6 prestadores de serviço, 2 merendeiras, 2 porteiros e 9 auxiliares de limpeza, 2 técnicos de informática, 4 secretárias, 2 vigias, 2 inspetores, 2 bibliotecárias e 2 apoio pedagógicos. Nos aspectos físicos a escola passou por pintura e aumentou

mais um bloco para atender aos cursos técnicos de administração e vestuário os quais possuem 4 salas de aula. Possuindo um blog - monsenhoremiliano.blogspot.com - para divulgação dos trabalhos da escola, que também trabalha com programas como: Mais Educação E Projetos contra as drogas (PROERD).

3.1.2 Análise e discussão das entrevistas

A escola conta com um corpo docente de 4 professores de história, assim foram entrevistados 2, ou seja, temos uma amostra significativa uma vez que contamos com a participação de 50% do nosso foco de pesquisa. Os participantes da pesquisa têm a média de idade de 54 anos, ambos com ensino superior acrescido de pós-graduação em história.

O questionário aplicado contou apenas com 4 itens para respostas livres e individuais, inclusive realizados em horários diferentes, sendo lido e respondido pelos próprios participantes. Assim, indagados sobre a forma de preparação da aula, ambos responderam que preparam as mesmas com antecedência utilizando mecanismos da atualidade, internet, livros, documentários e vídeo aula.

Sobre o tipo de metodologia os participantes também seguem praticamente o mesmo modelo metodológico, com aulas expositivas e dialogadas, leitura reflexiva, filmes, gravura, pesquisas, seminário, pesquisa as na de informática, debates e o uso do data-show. Desta forma, verificando a vagueza do interesse pelo cotidiano do aluno nessas duas questões iniciais, podemos citar Gil (2011) que diz:

Compreender a etapa da juventude em sua complexidade implica reconhecer que aquilo que é denominado juventude adquiriu sentidos diferentes ao longo da história. A juventude encerra uma enorme diversidade de variáveis biológicas, psicológicas, sociais, culturais, políticas e ideológicas. Isso significa dizer que não existe “a juventude”, mas juventudes que expressam situações plurais, diversas e também desiguais na vivência da condição juvenil. No entanto, a simples utilização dessa expressão no plural não garante, por si só, o reconhecimento das realidades vividas pelos jovens, por parte de quem a anuncia. Utilizar a palavra juventudes no plural demonstra algum cuidado com as generalizações que simplificam. Indica perceber os jovens como sujeitos que se distinguem e se identificam em suas muitas dimensões, tais como as de gênero, cor da pele, classe, local de moradia, cotidianos e projetos de futuro (Gil, 2011, p.26)

Tendo como base a prática citada pelos participantes da pesquisa e a teoria explicitada, percebe-se que as mudanças atuais, mais fortalecidas pela presença das tecnologias, bem como a velocidade das informações disponibilizadas por elas, clamam da escola uma alteração em seu modelo educacional, repensando, reinventando e pluralizando, estabelecendo uma relação educativa entre os envolvidos no processo educativo, como Filho (2010) bem coloca:

As novas tecnologias e a mediação do processo ensino aprendizagem na escola é uma temática que suscita uma série de reflexões e consequentes ações nas pessoas envolvidas com a tarefa educativa, na tentativa de buscar caminhos que ampliem a qualidade do ensino e da aprendizagem. Esse tema no leva a pensar na transformação do espaço tempo educativo num campo de onde emergem atividades curriculares que articulem os conteúdos às ações, o saber ao viver. Isso implica superar a fragmentação do currículo escolar, organizado em disciplinas. (Filho, 2010, p.2)

O terceiro item trata da forma como os participantes avaliam seus alunos e aqui ocorreu uma diferença uma vez que um dos participantes relatou o contexto da atualidade, afirmando que alguns alunos são acomodados, porém isso não é generalizado, uma vez que existe também alguns que se destacam e dão prazer em ajuda-los a pensar e agir. Já a segunda participante afirmou que avalia seus alunos através da participação, individual, suas ideias, contexto e provas escritas.

Indagados sobre as dificuldades dos alunos a questão de leitura, de escrita e falta de concentração, são as mais citadas, porém, também é ressaltado que a falta de interesse dos alunos, o uso desenfreado do celular e a falta de gosto pela exposição das opiniões é destaque, revelando que os alunos demonstram não ter objetivos futuros, sem o mínimo desejo de cursar uma faculdade.

A partir da análise dos dados colhidos em campo é possível montar uma tabela para entendimento efetivo da relação da prática didática com o perfil dos educandos.

Identificação	Idade	Formação	Planejamento	Metodologia	Avaliação	Dificuldades
Participante 1	Entre 51 a 60 anos	Superior / Pós	Internet, leituras, Documentários, Vídeo aulas	Aula expositiva e dialogada, leitura reflexiva, leitura de gravuras, filmes e gravuras, pesquisas, seminários e data-show.	Alunos acomodados X Alunos ativos	Concentração, leitura e dialogar
Participante 2	Entre 51 a 60 anos	Superior / Pós	Atualidade do conteúdo	Data-show, debates, pesquisa na sala de informática, seminários.	Participação, individual, ideias, contexto, provas escritas.	Leitura, escrita e sonhar com um futuro.

Fonte: Questionario Elaborado pela autora

Tendo os dados expostos e distribuídos pelos participantes, é possível identificar que a prática docente mesmo utilizando alguns instrumentos didáticos ainda tem deixado muito a desejar, uma vez que esses instrumentos não agem isoladamente, para trazer o desejo do aluno e a construção de uma postura ativa, muitos outros elementos são necessários e só será possível identificar adequadamente esses elementos se conhecermos a cultura e a identidade dos indivíduos envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, a forma como as aulas de História foram ministradas não apresentaram nada de inovador. Através do que foi estudado, observado e refletido acerca da prática do ensino de história, foi possível perceber que vários fatores contribuem para que isso aconteça. Dentre os muitos fatores destaca-se a falta de diálogo entre professor e aluno, o que contribui muito para o agravamento desse quadro, pois sem essa interação não há troca e construção de conhecimentos, ficando sempre o professor como reproduzidor de conhecimento e o aluno como receptor.

O comodismo é, também algo persistente, que reflete num ensino de história descontextualizado. Diante dessas dificuldades pode-se inferir que é preciso uma mudança na metodologia e conseqüentemente na prática do ensino de História, precisamos ter em mente que o ensino da mesma tem que dar oportunidade e oferecer aos alunos uma forma eficiente de interagir acerca dos conteúdos em sala, sua comunidade, realidade social, sociedade e própria história, que é construída individualmente e socialmente no exato momento.

Durante as observações foi possível perceber que existe uma falta de preparação pedagógica grande por parte dos professores, bem como o comodismo de repetir práticas arcaicas, mas que foram arraigadas como certas e menos trabalhosas, sendo utilizado na maioria das aulas metodologias muito tradicionais. Sendo possível destacar também a falta de interesse que o ensino de História, da maneira que vem sendo feito, provoca nos alunos.

Durante a explicação dos conteúdos, era evidente a falta de interesse, a passividade e apatia pela disciplina. A escola em alguns elementos tem responsabilidade por esse quadro, principalmente com relação aos livros didáticos, uma vez que eles não são elaborados de acordo com a realidade de seus alunos, o que dificulta a compreensão dos conteúdos, porém o que entende-se é que o modo como as aulas de história são feitas precisam urgentemente ser discutida, reformulada e principalmente inovada.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Edna Antunes. ANDRADE, João Paulo da Silva. **O uso das histórias em quadrinhos como recurso didático pedagógico para o ensino de história e literatura.** Disponível em: http://www.coped-nm.com.br/terceiro/images/anais/alfabetizacao_letramento/edna_joao_paulo.swf. ACESSO EM 12/10/2012.

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira (Org.). **Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática.** Natal: EDUFRN, 2005.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042006000200003. Acesso em 12/10/2012.

FILHO, Vicente Henrique de Oliveira. **As novas tecnologias e a mediação do processo ensino-aprendizagem na escola.** Anais VI Encontro de Pesquisa em Educação. Piauí, UFPI, 2010.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. **Jovens e juventudes: consensos e desafios.** Educação, v. 36, n. 1, p.25-42, jan./abr. 2011.

LAVILLE, Christian. **Além do conhecimento produzido e disseminado – Consciência Histórica e Educação Histórica.** Belo Horizonte, Julho de 2002.

PENIN, Sonia T. Sousa. VIEIRA, Sofia Lerche. Refletindo Sobre a Função Social da Escola. In. DAVIS, Claudia. LERCHE, Sofia. **Gestão da Escola – desafios a enfrentar.** Rio de Janeiro: DPCA, 2002

RODRIGUES, Joelza Éster. **História em documento: imagem e texto.** 2. Ed. São Paulo: FDT, 2002

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.

VIEIRA, Sofia Lerche (Org.). **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

VEIGA, Lima. A Construção da Didática uma perspectiva histórico-crítica de educação estudo introdutório In: OLIVEIRA, M.R.S. (org.) **Didática: ruptura, compromisso e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1993.

APÊNDICE

QUESTIONARIO PARA O PROFESSOR DE HISTÓRIA

IDENTIFICAÇÃO

SEXO: FEMININO() MASCULINO()

FAIXA ETARIA: ENTRE 21 A 30 ANOS()

ENTRE 31 A 40 ANOS()

ENTRE 41 A 50 ANOS()

ENTRE 51 A 60 ANOS ()

GRAU DE INSTRUÇÃO: SUPERIOR QUAL _____

ESPECIALIZAÇÃO QUAL _____

QUESTÓES

1. DE QUE FORMA VOCE PREPARA SUAS AULAS

2.QUE TIPO DE METODOLOGIAS VOCE UTILIZA NA SALA DE AULA

3. COMO AVALIA OS SEUS ALUNOS

4. QUAIS SÃO AS DIFICULDADES DOS SEUS ALUNOS.